

Castros

Como neste jornal se ha de fallar várias vezes em *castros* ou *crastos*, vou apresentar aos leitores algumas considerações summárias á cêrca d'esses monumentos dos nossos antepassados.

Um *castro*, ou, segundo a pronúncia vulgar, *crasto*, representa uma antiga povoação fortificada. O nosso povo dá geralmente este nome, ou outro analogo, ao cume de um monte, ou a qualquer altura, em que ha ou houve aterros artificiaes, vestígios de muralhas, fossos, e restos de habitações. As muralhas limitam-se muitas vezes já a simples pedras mais ou menos coordenadas; os fossos são em parte artificiaes, em parte contituidos por valles; as paredes das casas podem já não existir, mas em compensação podem achar-se pelo local cinzeiros, fragmentos de olaria, instrumentos domesticos, mós de moinho, etc. O monte em que assenta o castro nem sempre é isolado, mas ás vezes está ligado a outro por um dos flancos. Perto dos castros ha ordinariamente correntes de água.

Alem do nome *Crasto*, que o povo applica sempre porem como *nome proprio*, e nunca como *nome commum*, usam-se outros no nosso onomastico, como *Castello*, *Castello*, *Cividade*, *Cêrca*, *Crastello*, *Crestim*, *Castellino*, *Citania*, *Cidadelhe*, etc., juntando-se-lhes tambem epithetos, por exemplo, *velho*, como acontece com varios montes chamados «Castellos Velhos».

Ha muitos castros não só em Portugal, mas noutros paises. Em Portugal conhecem-se elles em todas as provincias, predominando, como é natural, nas provincias mais montanhosas, isto é, no Entre-Douro-e-Minho, em Tras-os-Montes e na Beira. Fallando da Hispania, no tempo dos Romanos, diz o auctor dos *Commentarii de bello Hispaniensi*: «Grande parte das cidades d'esta provincia estão tambem defendidas geralmente por montes, e construidas em sitios de sua natureza elevados, de modo que é difficil o accesso e as subidas para lá»¹. Estas cidades ou *oppida*, de que falla o auctor latino, são os castros.

Os Romanos, invadindo a Lusitania, acharam pois, a par de cidades situadas em baixas, numerosissimos castros: muitas vezes os conquistadores obrigaram os habitantes d'elles a virem para a pla-

¹ *Ob. cit.*, cap. VIII.

nicie receber a nova civilização, e os castros forão depauperados ou arrasados; outras vezes a civilização romana chegou a dominar nos proprios castros; muitos podião ser tambem abandonados espontaneamente.

Ao primeiro factó creio referir-se Estrabão, quando diz a proposito da Lusitania: «Postoque o país seja rico pelo que respeita a fructos e a gado, e tambem a ouro, prata e cousas semelhantes, comtudo a maior parte d'elles (dos Lusitanos), deixando de se aproveitar dos bens que a terra produz, andaram em latrocínios e em contínua guerra, já entre si, já, alem do Tejo, com os povos limitrophes, até que os Romanos os sossegaram, humilhando-os, e transformando-lhes em aldeias a maior parte das cidades, e edificando melhor algumas¹». Vê-se de outro passo seguinte a este que muitos dos povos de que falla o geographo viviam em montanhas.

O segundo factó, isto é, a romanização dos castros, patenteia-se claramente na maioria d'elles, pois ali se acham com frequência moedas romanas, objectos de barro tambem romanos, etc.

Á cêrca do terceiro factó, quero dizer, do abandono espontaneo, escreve o Sr. Martins Sarmento: «..... o abandono espontaneo dos castros tem uma razão de ser muito natural. O que determinava a escolha dos altos escarpados para séde das antigas povoações era com certeza a necessidade de pôr a vida e haveres dos seus moradores a salvo da invasão dos inimigos, provavelmente dos inimigos de ao pé da porta. Toda e qualquer commodidade era sacrificada áquella necessidade imperiosa. Com a pacificação da peninsula e o protectorado romano, a unica vantagem dos altos desaparece, ficando bem accentuadas as suas desvantagens sem conta. A despovoação dos Castros á custa das povoações da planicie é quasi inevitavel e fatal²».

Dos castros romanizados deve ainda entender-se que, com o andar do tempo, muitos se desmoronaram, restando-nos d'elles só as ruinas, e que outros continuaram a viver até hoje, successivamente transformados.

São muito vulgares nas campinas e planicies contiguas aos castros, ou proximas d'elles, vestígios de influencia romana, a saber: moedas, inscripções, pedaços de telha grossa de rebordo, pêsos de barro. Isto

¹ *Geographia*, III, III, 5.

² In *Revista de Guimarães*, I, 165.

prova também a successão da civilização romana á dos castros. O Sr. Martins Sarmiento tem citado muitos exemplos d'isto¹, e eu pela minha parte muitos podia também citar.

Raro será o concelho montanhoso de Portugal em que não existam castros. Sempre que haja um monte, ou uma simples elevação de terreno, a que se applique qualquer dos nomes mencionados, *Crasto, Castello, Cêrca, Cividade*, etc., e a que se liguem lendas ou mesmo vagas tradições de Mouros e Mouras, é para suspeitar que estamos em presença de um castro. Lembro isto aos leitores d'*O Archeologo Português*. Ainda que à primeira vista pareça que o monte não contém nada, não se deve logo desanimar: busque-se bem, e achar-se-ha um terraplano, um laço de parede antiga, um caco pre-romano ou romano. Recommendo também que pelas encostas e pelas bases e adjacencias do castro se procurem fragmentos de telhas grossas de rebordo, ou *tegulae*: ellas constituirão um bom indicio de influencia romana. Muitas vezes nō proprio castro ou nas vizinhanças ergue-se uma capella ou igreja, afamada por milagres e com sua romagem conêorrida, o que tudo representa em geral a christianização de um culto pagão; e ha também ou uma *fonte santa*, ou uma velha arvore a que se referem superstições, ou um penedo de propriedades maravilhosas, do qual se raspa pó para ser tomado em certas doenças, ou nō qual em determinados casos os doentes se vão deitar, ou em volta do qual se fazem procissões, e praticam outros actos proprios da crença. O conjuncto de todos estes factos poderá guiar o observador no reconhecimento da estação archaica.

Depois de reconhecido exteriormente o castro, seguir-se-ha a excavação, que deve ser feita com a maior cautella, nada destruindo e nada perdendo.

Os castros que conheço no nosso país, — e tenho-os visto e examinado em todas as provincias do reino —, podem reduzir-se provisoriamente a quatro typos principaes, que aqui especifico, para servirem de referencia a descrições futuras:

1.º—LICEIA, typo de um castro neolithico, em que appareceram instrumentos de pedra e de osso, e vasos de barro grosseiro, — e onde se não achou objecto algum de metal;

2.º—CASTELLO DE PRAGANÇA, typo de um castro também pre-romano, mas participando da civilização do periodo da pedra polida

¹ Cfr., por exemplo, *Revista de Guimarães*, 1, 166.

e da dos primeiros periodos do metal, — castro em que appareceram abundantes objectos neolithicos, a par de não menos abundantes objectos de cobre ou bronze, muita variedade de louça, já lisa, já bellamente ornamentada, muitos pêsos de barro pre-romanos, tambem ora lisos, ora ornamentados, instrumentos de osso e de marfim, contas de ribeirite e de outras substancias, mas onde não se encontraram esculpturas, e onde o uso do ferro, a julgar dos objectos que se colheram, é ainda duvidoso ou pelo menos é restricto.

3.º—SABROSO, typo de um castro protohistorico, onde os instrumentos neolithicos são poucos, onde faltam os instrumentos de osso e os pêsos de barro, mas onde ha muitos objectos de cobre (ou bronze) e bastantes de ferro, embora nada de origem romana, e onde apparecem variadas esculpturas de pedra, o que revela grande adeantamento em relação ao castro do 2.º typo.

4.º—CITANIA DE BRITEIROS, typo de um castro luso-romano, onde, ao lado de restos da civilização indigena analogos aos encontrados no castro do 3.º typo, se revela em alto grau a civilização romana, em moedas, inscrições, utensilios de barro, etc.

É claro que hão-de apparecer castros que estabeleçam transições de uns dos typos indicados para outros: isto é, que ao lado, por exemplo, de influencia romana contenham muitos objectos caracteristicos dos castros do 1.º e 2.º typos. Ha-de mesmo haver castros que seja difficil dizer se pertencem ao 2.º se ao 3.º typo: nos exemplos dados, o de Pragança distingue-se do de Sabroso pelo menos na abundancia dos objectos de pedra, e na ausencia de esculpturas; o primeiro parece, pois, mais atrasado que o segundo. Coincendencia notavel: tanto em Sabroso como em Pragança appareceram moedas romanas: em Sabroso uma de cobre, da Republica; em Pragança uma de prata, tambem da Republica, e parece que umas duas ou tres de cobre, reduzidas ou quasi reduzidas a chapas. Em relação á de Sabroso diz o Sr. Cartailhac: «elle ne suffit pas plus pour rajeunir l'ensemble des objets décrits qu'une monnaie du Moyen-Age, qu'on aurait ramassée dans ces terrains traversés de tous temps¹». O mesmo se pôde dizer das de Pragança; a de prata é um denario da Republica romana, e alem d'isso furado, o que mostra que andou pendurado no corpo como amuleto ou como ornato. Depois da invasão romana os habitantes do castro de Pragança, como certamente os de outras estações

¹ *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 1886, pag. 282.

vizinhas, desceram para os valles e para as baixas, e ahi se submetteram á civilização do povo-rei, formando com o andar do tempo o actual concelho do Cadaval: nesses valles e baixas tenho encontrado fragmentos de telhas de rebordo, pesos de barro romanos, uma ara com inscripção latina, e uma moeda colonial de Turiaso, — elementos bastantes para definirem a acção de Roma. Qualquer d'estes elementos, tomado avulsamente, não bastaria para isso, ou poderia mesmo não provar nada; mas todos combinados, e nas condições em que os encontrei, adquirem a este respeito todo o valor. — Embora os ultimos habitantes do castro de Pragança tivessem visto vir os Romanos até áquellas paragens, estes não chegaram a dominar nem a influir no castro: o «Castello» de Pragança é pois um castro pre-romano propriamente dito.

Em resumo, supponho que os nossos castros, no seu estado actual, podem classificar-se provisoriamente assim:

A) PRE-ROMANOS:

- a) *neolithicos*;
- b) *mixtos*;
- c) *protohistoricos*.

B) LUSO-ROMANOS.

Neolithicos, isto é, do periodo da pedra polida, do qual não restam documentos escritos, e do qual quasi só podemos ter conhecimento pelo estudo directo dos objectos; *protohistoricos*, isto é, de uma epocha á cêrca da qual começam a apparecer noticias historicas, e que pôde dizer-se que dura até á vinda dos Romanos, no seculo III antes da era christã. A epocha dos metaes pertence em parte á prehistoria, em parte á protohistoria. Ao passo que os castros protohistoricos manifestam *successão* da civilização protohistorica á neolithica, ou já completa *substituição* de uma á outra, os mixtos revelam ainda a *coexistencia* das duas civilizações. Parece-me ficar assim estabelecida claramente a distincção que dos typos geraes acima fiz.

J. L. DE V.

Inscripção christã de Mertola

(Do seculo VI)

Pela epigraphia temos noticia da influencia christã em Mertola, desde o seculo V. Estacio da Veiga reuniu a este proposito algumas inscripções na sua *Memoria das antiguidades de Mertola*, Lisboa 1880, pag. 85 sqq.